

**APRENDER COM O PASTOR OU COM O PROFESSOR? UM
PANORAMA DA RECEPÇÃO DE ALUNOS PENTECOSTAIS AO ENSINO DE
HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA”**

Alline de Assis Xavier Maia
Doutoranda do PPGHS da UERJ
alineuerj2003@yahoo.com.br

“Se o povo brasileiro tivesse os olhos bem abertos contra a feitiçaria, a bruxaria e a magia, oficializadas pela umbanda, quimbanda, candomblé, kardecismo e outros nomes, que vivem destruindo as vidas e os lares, certamente seríamos um país bem mais desenvolvido. ”

Macedo, 2002, p.62

1- Sobre a disciplina de história, o ensino de história da África e suas disputas

A História, enquanto disciplina escolar, tem estado presente no currículo escolar brasileiro desde o século XIX, ainda que em diversos momentos seu ensino tenha sofrido questionamentos e intervenções. A construção da história, enquanto disciplina, exige a seleção de conteúdos, que desde sua origem oscilam entre narrativas constitutivas da identidade nacional, do espírito crítico, entre outros. No Brasil, desde a abertura democrática, na década de 80, a disciplina tem sido vista como facilitadora de possível construção da democracia plena.

Fato é que a importância da disciplina se mostra, de acordo com alguns especialistas (LAVILLE, 1999), quando a mesma é reconhecida tanto pelo Estado como pela sociedade, como locus de formação para a cidadania, como tem sido evocada, nas últimas décadas, mesmo não sendo a formação de identidades o propósito da sua existência no currículo escolar, ocasionando disputas, por parte de variados setores, de suas narrativas. A constituição brasileira de 1988 trouxe consigo a necessidade de dar voz a diversos indivíduos que, por anos, haviam sido excluídos da construção da nação brasileira. Esse fenômeno - de caráter mundial (CARRETERO, 2010) - no Brasil refletiu-se com destaque no movimento negro, que há muito lutava por seu lugar de representatividade dentro da nossa sociedade, e que via na educação uma possibilidade de mudança de paradigmas.

A sanção da lei 10639/2003 foi suficiente para gerar debates dentro da sociedade, os quais não se limitavam aos educadores. Pais, professores, toda a sociedade opinava em variados lugares (JÚNIOR, 2013). Parte considerando a lei um passo rumo à construção da sociedade democrática, parte considerando que a lei acirraria os conflitos, visto que poderia existir o chamado “racismo reverso”, que seria, de maneira genérica o estímulo do racismo do negro em relação ao branco.

Os professores de História não fugiram a tais debates, como mostrado por diversas pesquisas, e hoje, após 16 anos de existência da lei, ainda assistimos a conflitos entre os educadores a respeito dos conteúdos a serem ensinados, refletindo as controvérsias vivenciadas em nossa sociedade. Entre sucessos e fracassos, a implementação da lei não tem se dado de maneira tranquila no cotidiano escolar. Diversos especialistas apontam os mais variados impasses. Visando atenuar ou eliminar, via educação, o preconceito e o racismo, o ensino da história da África tem propiciado embates mediante os negros e a cultura afro-brasileira.

Ao tentar traçar um panorama sobre a aplicabilidade dos conteúdos da história da África, tais especialistas nos advertem que quando o conteúdo não é deixado de lado, ele padece de um outro problema, que é o tratamento pelo viés cultural, que para esses pesquisadores, como Santos e Souza (SANTOS 2013; SOUZA, 2012), é um caminho que pode propiciar conflitos e embates dentro das salas de aulas.

Assim, considerando os desafios de ensinar História da África no tempo presente, nos propomos a analisar como os alunos evangélicos da rede pública estadual do município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, têm recepcionado tais conteúdos, e como as práticas adotadas por muitos professores, podem provocar instabilidades no reconhecimento da autoridade do professor como o detentor do saber histórico, a partir da comparação entre a figura do professor e a do líder religioso, mais precisamente, do pastor, como fontes do conhecimento e da autoridade a partir dele.

Para tanto, teremos de tratar o porquê dessa rivalidade, sendo preciso compreender um fenômeno que vem ocorrendo no Brasil, e que em São Gonçalo, mostra efeitos relevantes, devido ao crescimento das igrejas evangélicas neopentecostais e expansão social da cosmovisão do grupo religioso. Contudo, lembramos que o presente trabalho, faz parte do momento inicial da minha pesquisa de doutorado.

2- Neopentecostalismo: batalha espiritual entre o bem e o mal

Vital da Cunha (2015, p.200), em seu trabalho etnográfico em favelas do Rio de Janeiro, apontou para o crescimento avassalador que esse segmento religioso tem tomado nas periferias do estado. Os dados nos indicam que sendo a escola um microuniverso social, ele acaba refletindo os problemas que se configuram na sociedade.

Destacamos que os evangélicos não representam um grupo homogêneo, havendo muitas distinções. Assim, nos deteremos a uma parcela significativa do grupo neopentecostal. Almeida (2009, p.10) nos chama a atenção que desde o século XIX, o Brasil recebeu as igrejas protestantes, hoje conhecidas genericamente como evangélicas. E que, a partir de meados do século XX, as chamadas igrejas pentecostais, caracterizadas pelo “dom da cura” e pela glossolalia, iniciaram seu crescimento. Freston (1994), ao analisar o movimento pentecostal no Brasil, dividiu o fenômeno em três momentos, designando que a popularização efetiva dessas igrejas se deu com o surgimento da chamada terceira onda, na qual a Igreja Universal do Reino de Deus, que a partir de agora será chamada de IURD, surge como o grande exemplo a ser seguido pelas demais igrejas pentecostais.

Mas em que consiste o diferencial desta igreja, que provocou uma grande corrida entre as demais denominações, nas disputas pelos fiéis? Uma das respostas para o sucesso da IURD entre seus adeptos reside no fato desta atender aos anseios da vida moderna. A IURD, mostrou que não havia a necessidade da ascese mundana, ou seja, o evangélico deveria gozar dos benefícios materiais ainda na terra, e para tanto, pautou a “teologia da prosperidade (Freston,1994)”. Neste jogo, para que o ‘crente’ seja próspero, é necessário que ele enfrente batalhas diárias, entre o bem e o mal.

Caracterizada pela teologia da prosperidade e pelo exorcismo, a IURD atende aos anseios da religiosidade na modernidade. Lembramos que, o limiar da contemporaneidade, associada às ideias iluministas, indicavam que a era da racionalidade estava por chegar, e que assim, as sociedades evoluiriam a tal ponto, que as religiões seriam abandonadas. Contudo, de acordo com Herviu-Léger (2012), as

guerras enfrentadas no século XX, contribuíram para o desencantamento com a modernidade, visto que a racionalização não era capaz de responder aos questionamentos provocados pelos conflitos. Neste cenário, houve a efervescência religiosa. E a religião, tornou-se ônus de filosofia de vida. Ou seja, passou a fazer parte de todas as esferas da vida do indivíduo. As fronteiras entre o público e o privado foram diminuindo, tornando a perspectiva da laicidade, cada vez mais utópica em determinadas sociedades.

O homem do século XXI, atribulado pelos problemas econômicos e sociais, onde as fronteiras são cada vez menos fixas, passou a utilizar a religião como apoio para a sustentação dos indivíduos (NEGRÃO,2005). No Brasil, o enfrentamento dos problemas sociais tem se dado com base nos aspectos religiosos, fator comprovado com a eleição presidencial em 2018.

O processo eleitoral nos mostrou que nas igrejas evangélicas, são difundidas ideias de que o homem só pode ser bem-sucedido na vida se enfrentar a guerra espiritual, ou seja, através do embate aberto com o que na cosmovisão do grupo é considerado demoníaco. Dentro da guerra espiritual, o pastor R. R. Soares, líder espiritual de muitos evangélicos, adverte seu público para o fato do diabo poder estar disfarçado (1984), exercendo suas artimanhas nas diferentes áreas da vida do homem, como no futebol ou na escola, sendo necessária a constante vigilância do crente para não vacilar e perder a batalha.

Segundo Almeida, os cristãos pentecostais creem nas doutrinas do pecado original, atribuído à queda de Adão e Eva do Jardim do Éden. Separam o bem do mal, Deus do Diabo, reino espiritual do reino material. A guerra, contudo, não se limita à esfera espiritual, uma vez que os homens estão incluídos nesse conflito, sendo ou não conscientes desta guerra. Assim, as igrejas pentecostais pregam que a verdadeira identidade evangélica só pode ser efetivada se o cristão, além de ser ciente do conflito, combater também. Desse modo, o combate significa precondição para evangelizar, libertar e converter os indivíduos submetidos ao poder dos demônios. Neste sentido, o líder espiritual evidencia:

“Se você, meu amigo, crê em Deus e Jesus Cristo e pratica qualquer forma de consulta aos mortos ou adoração a ‘deuses’ com nomes de orixás, caboclos, pretos-velhos e guias; se você presta culto e sacrifícios a entidades, atenda a

voz de Deus e nunca mais pratique essa coisas. (...) Tome uma atitude de fé e coragem: renuncie a tudo isso e volte-se para Deus”. (MACEDO, 2002, p.19)

Para os líderes neopentecostais, a origem das mazelas que assolam o mundo está atribuída à figura do diabo e seus demônios, tais como: doenças, misérias, desastres e todos os problemas que afligem o ser humano, desde que esse iniciou sua origem na terra. Por isso, os pregadores neopentecostais perpetuam a ideia de que doenças, problemas financeiros, familiares, afetivos, psíquicos, entre outros, estão relacionados às ações diabólicas. Portanto, para se livrar dos males é preciso ser liberto do poder dos demônios através da guerra. E uma vez vencedor, deve o crente, ao se tornar soldado de Cristo, evangelizar, converter, os que ainda estão perdidos.

Almeida adverte que uma pesquisa realizada pelo ISER, em 1994, concluiu que 95% dos evangélicos do Grande Rio de Janeiro consideravam a umbanda e o candomblé religiões demoníacas. Assim, no campo pentecostal a demonização dos grupos religiosos adversários, em especial dos afro-brasileiros, é frequente e rotineira. Segundo o autor, incessantemente evocado, vilipendiado e expulso, seja na forma dos exus, seja, nos últimos anos, na forma dos encostos- devido aos processos judiciais enfrentados, o diabo e seus demônios – leia-se religiões de matrizes afro-brasileiras- constituem o ‘braço direito’ das igrejas que o combatem metódica e sistematicamente.

Arelado ao crescimento das igrejas evangélicas, assistimos o destaque midiático que a bancada evangélica tem ganhado nos últimos anos. De acordo com Dip (2018), tal destaque não acontece pela via do quantitativo, mas pela via do “barulho”. Com seus discursos bélicos, a mesma tem mostrado sua insatisfação com a respectiva lei, e tal fato pode ser observado, através de um vídeo que circulou nas redes sociais, envolvendo a ministra Damares, do atual governo Bolsonaro, no qual a mesma protagoniza-se como a porta voz de parcela dos evangélicos, e que repugna a lei ou “as formas” pelas quais a mesma tem sido inserida dentro das escolas. Na alegação da ministra a mesma tem trazido “confusão espiritual” para os alunos evangélicos.

Assim, assistimos um movimento conflituoso dentro das diversas denominações, uma vez que o currículo de História da África, embora não tenha como objetivo afrontar o cristianismo ou os evangélicos, acaba sendo visto como bélico,

convocando seus fiéis para a batalha. E esta chamada bélica, está baseada na própria construção da definição de África pelas igrejas neopentecostais.

Para muitas dessas igrejas, como pronunciado pelo pastor e deputado federal, Marco Feliciano, a África é um local que necessita ser evangelizado, visto que toda a base maligna, com exus, e xangôs, se difundiram a partir desse continente, causando nesse território fome, doenças e miséria em função da religiosidade. Dentro dessa perspectiva, muitos alunos carregam essa visão, para a sala de aula, reforçada por familiares e líderes religiosos diariamente, uma vez que pesquisas mostram que diferentemente dos adeptos de outras religiões, os jovens evangélicos frequentam, no mínimo semanalmente os cultos, o que ajuda a reforçar sua cosmovisão bélica.

Assim, neste trabalho, chamo a atenção para o problema que é tratar os conteúdos de História da África, a partir do viés cultural-religioso em São Gonçalo. Este município há muito vem vivenciando ataques aos terreiros, pelos mais variados setores sociais, oscilando desde a ex-prefeita, Aparecida Panisset (MODESTO, 2008), que nunca escondeu sua necessidade de ataque, passando pelos fiéis e pastores evangélicos e chegando aos traficantes, que como mostrado por Vital da Cunha, têm se convertido à religião evangélica e promovido verdadeiros ataques aos centros religiosos, atribuindo a esses espaços os enfrentamentos e operações policiais, uma vez que estes espaços, são para os traficantes convertidos, um espaço de evocação diabólica.

Ensinar História da África neste município, que tem como objetivo por parte das lideranças evangélicas ser elevado e reconhecido como a cidade mais gospel do Brasil- tem exigido cautela por parte daqueles docentes que consideram importante tratar a temática. Tais docentes, muitas das vezes, na tentativa de desenvolver um trabalho pedagógico com o intuito de exercitar a “tolerância” e combater a discriminação, acabam entrando num jogo, no qual acabam por reforçar as palavras desses líderes religiosos.

As observações acerca do ensino de história da África no município de São Gonçalo, tem mostrado que quando abordam a temática pela via cultural, tais professores provocam conflitos, embates, discussões e controvérsias, nas quais os alunos e seus familiares, se veem sendo convocados para o combate espiritual. Esses conflitos, estão baseados nas palavras de ensinamento de alguns pastores, como:

“Satanás tem milhares de agências no mundo. Não existe nada que esteja fora da ação demoníaca. No futebol, na política, nas artes e na religião, nada escapa ao cerco do diabo. Por trás da religião, do intelectualismo, da poesia, da arte, da música, da psicologia, do entendimento humano e de tudo com o que temos contato, Satanás se esconde.” (R. R. Soares, 1984, p.83)

Neste sentido, as palavras do referido pastor chama a atenção dos evangélicos para não deixarem ser enganados, nem mesmo pela intelectualidade difundida do ambiente escolar, E aqui, há um problema maior, uma vez que a figura do professor tem ganhado cada vez mais desrespeito e desprestígio dentro da sociedade, principalmente sob as acusações recentes, de “divulgadores de ideologia de esquerda”, leia-se demoníaca, pela extrema direita que tem dirigido o país. Como vimos na citação presente no início desse trabalho, alguns pastores reforçam a religião afro-brasileira como fonte de todo o mal que pode assolar a vida de um ser humano. E isso não é novidade, sendo os ataques explícitos. A preocupação em questão, é que nessa disputa que se configura, mesmo não sendo a intenção do professor “jogar”, quem sai como perdedora é a História da África, que deixa de ser ensinada e aprendida.

Para entendermos um pouco desse jogo, analisaremos algumas experiências docentes e discentes em São Gonçalo, que nos dizem sobre o problema do tema ser abordado apenas pela via cultural.

3- A bíblia X o livro didático: entre a construção da narrativa histórica elaborada pela igreja e a difundida na escola – peculiaridades de São Gonçalo

Para compreendermos o fenômeno, de uma guerra nada particular, evocada e empreendida por parcela significativa das neopentecostais, utilizaremos algumas entrevistas-preservando a identidade dos envolvidos- realizadas com alunos de uma turma do Ensino Fundamental II, de correção de fluxo, ou seja de jovens e adultos em defasagem escolar, com idades variando entre 16 e 20 anos, no dia da culminância de um projeto sobre consciência negra, ocorrida em um CIEP de São Gonçalo, no ano de 2018, que teve como base a proposta da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, o livro “Crenças e credices”, de Martinho da Villa (FERREIRA,2001) . O projeto foi batizado na unidade escolar de “Na minha escola todo mundo é bamba! Todo mundo lê, mesmo quem não samba!”. De acordo com os organizadores do evento, os professores

se uniram em grupos e realizaram diversas atividades pelas salas da escola. Contudo, o ápice do projeto ocorreria no auditório, no qual seria servida uma feijoada, acompanhada de um grupo de samba, que tocaria alguns dos sucessos de Martinho da Villa.

No espaço, notamos que muitos trabalhos sequer mencionavam o livro, e que a professora de história da referida turma, foi a única a evocar a utilização da obra. Sua ideia, consistiu em reuni-los na própria sala, na qual ela e um grupo de alunos haviam montado um painel com imagens referentes ao capítulo escolhido para ser lido pela representante de turma: *Misticismo* (FERREIRA, 2011, p.10). Ao adentrarem na sala, a insatisfação com a decoração, era perceptível para alguns alunos, que já reprimiam, utilizando o jargão neopentecostal- Tá amarrado! - visando bloquear as possíveis energias que nas suas concepções as imagens evocariam. A leitura de 3 páginas foi efetuada pela aluna escolhida, e tratava de ecumenismo religioso. Ao findar a leitura, a professora decidiu iniciar uma roda de conversa sobre o que haviam entendido da leitura. Assim, ocorreram as divergências que trataremos abaixo.

A realização do projeto nos mostra um pouco do problema que estamos vivenciando, em relação as narrativas da história pública, construídas em determinados lugares, como as igrejas pentecostais e que entram em conflito com as narrativas divulgadas no espaço escolar, quando há a opção por se trabalhar os aspectos culturais afro-brasileiros nas aulas de História da África.

No dia da culminância do referido projeto, alguns alunos mostraram-se insatisfeitos com algumas imagens que decoravam o cenário da sala. No momento do debate, deixaram evidenciar que a professora estaria supondo que todas as religiões poderiam viver em harmonia. A defesa pela tolerância, por parte da professora, designa um problema, visto que o best-seller, do bispo condena tal prática de forma explícita:

“(...) na verdade, todos procuram soluções a curto prazo, sem se importar com as consequências, acabam se deparando com o diabo. (...) E é aí que entra a umbanda, quimbanda, candomblé e as religiões e práticas espíritas de um modo geral, que são os principais canais de atuação dos demônios, principalmente em nossa pátria. Os trabalhos e os despachos são exigências dos demônios e podem ser os mais variados possíveis, indo de comidas e bebidas até os mais variados presentes. (...) Pode, por acaso, uma seita que determina tais práticas ser considerada religião? (...) já que a nossa sociedade não pode tomar medida contra isso, somos obrigados, em nome de Jesus Cristo, a levantar a nossa voz!” (MACEDO, p.108)

Numa entrevista, esta questão se evidencia:

“Mano, já tô boladão com várias paradas dando errado aqui no Risca, e essa professora atraindo mais capeta para cá, com esse texto, essa parada aí. Você já viu como são os africanos? Tudo na capa, só tem osso. E isso é o quê? Tá na Bíblia: não adorarás outro Deus. E os cara fica só na invocação do demônio. Quanto mais a gente fala nesses demônios mais estragos eles faz. Isso tá na Bíblia. Eu respeito a religião deles. Mas eles para lá e eu pra cá. Quero nem saber. Só não quero trazer mais coisa ruim pra nossa favela. Que esse trabalho de macumba atraí os canas. Depois é tiro, aumenta operação. O pastor sempre fala que nós não tem que se meter nisso, isso é coisa ruim, tá ligado? Quanto mais mexe, pior fica.” (Entrevista com Luan).

A fala do aluno, de 17 anos, mostrando toda sua indignação com os aspectos culturais afro-brasileiros que estavam sendo tratados no projeto, nos mostra um pouco de como a religião, na atualidade tem tomado conta de todos os aspectos da vida do indivíduo. O referido aluno, que se identifica como evangélico, atribui todos os problemas enfrentados no cotidiano da favela à existência das religiões afro-brasileiras. E se mostra indignado com o fato da professora não perceber, que ao mostrar imagens e textos, ela acabava por evocar espíritos ruins, que provocariam problemas para aquele território. Portanto, ele indaga a professora sobre a sua escolha religiosa, pois vê a necessidade de evangeliza-la, ou seja, de pôr em prática a sua identidade, enquanto evangélico que é a de anunciar as boas novas, como ensinado por Soares, visando a conversão da professora.

O aluno, nos mostra que ele está de prontidão, está alerta, tal como o seu pastor lhe ensinou, para perceber e denunciar que a referida professora estava, mesmo com boas intenções, caindo nas ciladas do diabo. A entrevista nos revela que, o pastor, enquanto autoridade espiritual, tem mais prestígio e respeito que a professora na vida desses estudantes, uma vez que, este aponta soluções imediatas para a resolução de conflitos diários, o que não é feito pela professora, visto que não é essa sua função.

Como podemos ver, a Bíblia é usada como a única referência de fonte histórica, a ser utilizada com validade pelos evangélicos, mostrando que todas as demais podem surgir como artimanhas, manipuladas pelo diabo, na tentativa de causar perturbação e de enganar as pessoas que não estão “alertas”, como é o caso de muitos professores,

segundo o aluno, que mesmo tendo as melhores das intenções, podem estar sendo utilizados como ferramentas diabólicas.

Dentro deste cenário, autores como Bakke (2011), nos chamam a atenção para os embates ocorridos nas aulas de história da África, nas quais os professores se propõem a tratar da temática cultural-religiosa, com destaque para os alunos evangélicos. Santos (2013) nos adverte sobre o problema que é tratar da História da África iniciando pelos aspectos culturais. A autora chama a atenção para a própria redação da Lei, que não estipula quais conteúdos deveriam ser tratados, ficando a temática aberta e a escolha dos pontos curriculares submetidos aos professores.

Como citamos anteriormente, dentro da batalha espiritual, a lei 10.639-03 pode ser considerada uma afronta, uma vez que ela pode ser interpretada pelos fieis como uma das artimanhas de Satanás para enganar o crente. Por isso, em nossa compreensão, existe uma delicadeza a ser considerada no ensino de História da África, no que se refere à esfera cultural e, mais especificamente, religiosa. Nesta abertura curricular, muitos profissionais optam por trabalhar a questão da identidade negra, sobretudo via aspectos culturais, o que gera para Santos e Souza (SANTOS, 2013; Souza, 2012), uma ampliação significativa dos embates, e que acabam por deixar os outros pontos curriculares da História da África, fora do ensino escolar.

Considerando os pontos anunciados pelas autoras e observando o cenário que se configurou em São Gonçalo nos últimos anos, destacamos que o ensino entra em conflito com a cosmovisão de determinados alunos, sobretudo os evangélicos, que acabam por se recusarem a aprender a disciplina, trazendo, muitas das vezes, o envolvimento dos seus familiares no julgamento da disciplina e no ataque a figura do professor.

Percebemos, através das falas o quanto a figura do pastor, do líder religioso, tem influência na cosmovisão dos alunos evangélicos, uma vez que os mesmos conseguem transmitir segurança e apresentar possíveis soluções e justificativas para a vida desses jovens que vivem à margem da sociedade, ocupando a periferia, convivendo com a violência diária e a falta de expectativas.

Por outro lado, a figura do professor está cada vez mais fragilizada e a mídia contribui de maneira incisiva para essa desconstrução, principalmente com a divulgação

de imagens com professores sofrendo violência por parte de alunos dentro das salas de aulas brasileiras, ressaltando os baixos salários, mostrando os ataques dos políticos de direita aos professores “comunistas”, entre outras caracterizações caricaturadas.

Assim, os que resolvem encarar a problemática, vivenciam experiências conflituosas. Tendo, por vezes, sua autoridade questionada tanto por familiares dos alunos, quanto por líderes religiosos. E esta questão está inserida dentro da perspectiva da religiosidade na modernidade. Nesta, não há secularização, ou seja, separação entre os aspectos religiosos e a vida secular, entre o público e o privado, uma vez que a religião tornou-se “filosofia de vida” devendo estar inserida em todos os campos da vida do sujeito.

Assim, tanto discentes quanto docentes carregam para a sala de aula suas cosmovisões, e as mesmas entram em conflito, no território da sala de aula. Conflitos que se mostram, principalmente quando o legado religioso e cultural afro-brasileiro é evocado na sala de aula. Quando o aluno é levado a conhecer por exemplo a “filosofia africana”, tendo por base a ancestralidade, há estranhamento, uma vez que essa ancestralidade é evocada nos cultos como sinônimo de maldição. Como podemos ver a seguir:

“Mano, nós entrou nessa parada uma vez. Igor chamou pra gente ir lá. Ele mete que não é, mas acho que ele gosta dessa parada de macumba, tá ligado? Aí professora, tinha um maluquinho lá jogando mariola em todo mundo, ele tava com essa parada de santo. Pega a visão. O maluquinho, como, ficava assim cuspiendo na mão e jogando nos outros. Quando eu era criança, minha mãe que me levava nessa parada. Hoje eu vou na igreja, pra que que eu vou ver negócio de macumba? Tinha uma mulher que falou: ‘Tu vai perder a mão se botar a mão nessa planta’, uma planta que tinha lá. Diante de Deus. Papo reto. Os cachorro uivando, mano, nós começou a ficar bolado.” (Entrevista com Vitor)

O trecho nos mostra o quanto o passado, vivenciado dentro de religiões de matrizes africanas, é evocado como exemplo a não ser seguido. O aluno nos mostra que mesmo sendo jovem, aos 18 anos, cursando o 7º ano do Ensino Fundamental, ele já frequentou cerimônias de religião afro-brasileira, e que por isso, pode dizer com autoridade testemunhal de que elas sejam ruins, ratificando os ensinamentos do líderes religiosos. Ou seja, mostra, via testemunho, que o sujeito já experimentou aquela vivência, e que a mesma foi considerada por ele ruim. A história, nesse sentido, configura-se como a mestra da vida, mostrando o passado que não deve ser esquecido.

Ao contrário, como o passado que necessita ser lembrado diariamente para não ser repetido. Por isso, ao levar o aspecto cultural-religioso para a sala de aula, o aluno acaba por utilizá-lo como um meio de confirmar o problema existente, no qual o pastor aconselha o afastamento permanente.

Além do mais, o pastor consegue tocar esse jovem, uma vez que consegue falar na linguagem compreensível para ele. Alguns pesquisadores, como Vital da Cunha, mostraram em pesquisas, que a autoridade do pastor tem ganhado ênfase mediante outros líderes religiosos, como os padres, por exemplo, em virtude da linguagem utilizada. A autora mostrou-nos através da etnografia, que dentro das favelas, a figura do padre, por exemplo, hoje não apresenta autoridade, já que o mesmo não passou pelos mesmos problemas dos jovens, não constituiu família, entre outras questões.

Há uma identificação maior com o pastor, uma vez que muitas das vezes, esse possui a autoridade de testemunhar já que vivenciou problemas parecidos, em alguns casos, tendo sido um morador ou ex-morador de favela, que teve experiência no crime, no uso de drogas, na prostituição, no baile funk, mostrando para esses jovens a mudança ocorrida em suas vidas por ter se convertido, seguido a Bíblia e por ter encarado de fato a batalha espiritual entre o bem e o mal, mostrando a necessidade de estar atento e de negar tudo o que for proveniente do mal, como mostrado pela via testemunhal desses líderes em diversos canais midiáticos.

Mais uma vez, a figura do professor é descreditada, já que esta, para esses alunos, não enfrentou os mesmos problemas que eles. Nem sempre os professores são “ex-trafficantes, ou “ex-usuários de drogas, como alguns pastores testemunham, que experimentaram o mundo, mas conseguiram vencer na batalha espiritual.

Ainda em relação as imagens presentes no projeto, que mostravam pessoas vestidas de branco, numa cerimônia religiosa, um aluno questionou o fato da professora não mostrar a verdadeira “cara da África”, ou seja, da África divulgada nas mídias e nas igrejas. Nestas igrejas há um reforço da estereótipo dos problemas sociais e políticos estarem relacionados às religiões afro-brasileiras, como podemos ver no seguinte trecho:

“Os africanos andam só de AK, “glokão”. O pastor falou que lá é um lugar miserável, os pessoal passa fome, que lá é assim por causa do capioto, do coisa ruim, por isso que eles são magros. Eu vi lá uma foto. Ele falou que lá é

a cidade do Capiroto, eu nem boto o pé lá, tá brincando, vai... Acho que na Bahia é assim também, tá ligado? Você vê as fotos, só costela aparecendo. Mano, dá vontade de dar meu prato de comida pra eles...Come, come, porra! No inferno o fogo é sete vezes mais forte. É igual os menor da Mangueirinha, tudo magro, chega aqui na barriga maior barrigão, parece até mulher grávida. Na Mangueirinha, como, tem muita dessa parada de macumba, tá ligado? Eu falei: Qual foi professora, tu é dessas parada aí? Tá reprimido!” (Entrevista com Tiago)

Ainda nessa entrevista, podemos ver a ocorrência de associações entre a miséria e as religiões afro-brasileiras, uma vez que o aluno deixa claro que, segundo o pastor de uma igreja localizada na favela, a parte do território que mais apresenta problemas infra estruturais e sociais, é justamente aquele em que há mais adeptos de religiões afro-brasileiras, com a presença de um terreiro, que de acordo com a visão do aluno, contribui para a pobreza do local. Dessa forma, a apresentação do professor pela via cultural-religiosa em algumas localidades de São Gonçalo, reflete a disputa entre o bem e o mal, entre a credibilidade do professor e do pastor, para parcela relevante dos alunos evangélicos. Como pudemos observar, o aluno necessitava saber a opção religiosa da professora, para exercer sua identidade religiosa, que é de “pregador da palavra de Deus”, que deve ser exercida por todos os evangélicos, como ensinado por Soares, que incentiva o evangelismo em todos os lugares e a todo momento tanto através da mídia eletrônica, quanto pelos livros publicados e de grande circulação entre os evangélicos. Assim,

“(...) a evangelização é uma tarefa que cabe a todo o crente(...) O etíope foi ganho por um diácono, Atos 6.5. E você, quantas almas ganhou até agora para Jesus? (...) reavalie suas prioridades e comece a falar de Cristo. Em casa, ou na rua; no trabalho, ou na escola, é sempre tempo oportuno de se falar do Senhor Jesus Cristo.” (Soares, 1984, p.200)

4- CONCLUSÃO

O ensino de temas sensíveis, como é o caso da História da África, requer escolhas cuidadosas por parte dos docentes, uma vez que as controvérsias podem trazer conflitos e resistência por parte dos grupos menos receptivos aos aspectos culturais, como os alunos neopentecostais. A pesquisa realizada até o presente momento, tem mostrado que o professor deve atentar-se aos mais variados caminhos, diversificando

métodos e propostas uma vez que esse grupo de alunos ouve mais o pastor do que o professor, e que portanto a evocação de temas culturais, de acordo com os achados até aqui, mostram que a solução não é a interdição dos aspectos culturais, mas a busca de outros caminhos.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Ronaldo. *A Igreja Universal e seus demônios*. São Paulo: Terceiro Nome fapesp, 2009
- BAKKE, R.R.B. *Na escola com os orixás: o ensino das religiões afro-brasileiras na aplicação da Lei nº10.639*. Tese de Doutorado-Programa de pós-graduação em Antropologia Social, FFLCH-USP.2011.
- CARRETERO, Mário. *Documentos de identidade. A construção da memória histórica em um mundo globalizado*. Artmed, 2010
- DIP, Andreia. *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder*. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- FERREIRA, Martinho José. *Fantasia, Crenças e Crençices*. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 2011.
- FLORDELIS. A volta por cima. <https://www.youtube.com/watch?v=5O5xyt51HPk>, acessado em 19 de junho de 2019.
- FRESTON, Paul. . Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: a Assembleia de Deus. *Religião e Sociedade*, v.16, nº 3, 1994.
- GOMES, Nilma Lino. “Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos”. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido. A religião em movimento*. Rio de Janeiro, Vozes, 2012
- JUNIOR, Henrique Cunha. In: *DEZ anos da Lei Nº 10.639-03:memórias e perspectivas*. Regina de Fatima Jesus...(et al); Regina de Fátima de Jesus, Mairce da Silva Araújo e Henrique Cunha Júnior (organizadores).- Fortaleza: Edições UFC, 2013.
- LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. *Rev. bras. Hist.* [online]. 1999, vol.19, n.38
- MACEDO, Edir. 2002.*Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou Demônios*, 15ed.Rio de Janeiro, Universal Produções.
- MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*, vol. 37, no 74 • pp. 135-154
- MODESTO, N. S. D. A. . *A (re)produção espacial em marcha na consolidação dos Grupos de Poder Hegemônico em São Gonçalo*. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Nem “jardim encantado”, nem “clube dos intelectuais desencantados”. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, vol. 20, n.59, pp. 23-36, 2005

SANTOS, Lorene dos. Ensino de história e cultura africana e afro-brasileira: dilemas e desafios da recepção à Lei 10.639/03. In: *Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas* / Amílcar Araujo Pereira, Ana Maria Monteiro (org.). Rio de Janeiro: Pallas, 2013, p. 57– 84.

SOARES, R.R.1984.*Espiritismo: a magia do engano*. Rio de Janeiro, Graça Editorial

SOUZA, Marina de Melo. Algumas impressões e sugestões sobre o ensino de história da África. *Revista História hoje*.Vol 1, n.1, março de 2012

VITAL DA CUNHA, Christina. *Oração de Traficante: uma etnografia*. Ed: Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

.